

O ÚLTIMO CAIMBÉ E OUTROS CORDÉIS CIENTÍFICOS



RODRIGO LEONARDO COSTA DE OLIVEIRA

RODRIGO LEONARDO COSTA DE OLIVEIRA

O ÚLTIMO CAIMBÉ

E OUTROS CORDÉIS CIENTÍFICOS

BOA VISTA, RR.
1ª EDIÇÃO, 2021.



O último caimbé e outros cordéis científicos. Copyright © 2021 by Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira. Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional CC BY.



Esta obra pode ser reproduzida, adaptada ou copiada, desde que mencionada a fonte/autoria. A violação dos direitos dos autores é crime estabelecido pelas leis penais brasileiras (Lei N. 9.610/98 e Código Penal Brasileiro).

UERR Edições

Universidade Estadual de Roraima
Rua 7 de Setembro, N. 231.
Bairro Canarinho, CEP. 69306-530.
Tel. (95) 2121-0944
CNPJ: 08.240.695/0001-90
contato@edicoes.uerr.edu.br

Conselho Editorial

Isabella Coutinho Costa
Márcia Teixeira Falcão
Mário Maciel de Lima Júnior
Rafael Parente Ferreira Dias
Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira

Equipe Editorial

Carlos Eduardo Bezerra Rocha
Cláudio Souza da Silva Júnior
Josiane Gabriel Teixeira da Cruz

Universidade Estadual de Roraima

Regys Odlare Lima de Freitas, *Reitor*.
Cláudio Travassos Delicato, *Vice-Reitor*.
Elemar Kleber Favreto, *Pró-Reitor de Ensino e Graduação*.
Vinícius Denardin Cardoso, *Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação*.
André Faria Russo, *Pró-Reitor de Extensão e Cultura*.
Alvim Bandeira Neto, *Pró-Reitor de Planejamento e Administração*.
Ana Lídia de Souza Mendes, *Pró-Reitora de Orçamento e Finanças*.
Glória Maria Souto Maior Costa Lima, *Pró-Reitora de Gestão de Pessoas*.

Projeto e diagramação: Cláudio Souza Jr. <claudio@uerr.edu.br>

Ilustrações: Will Cavalcante <williancavalcantepa@gmail.com>

Revisão: Profa. Márcia Falcão <marciafalcao.geog@uerr.edu.br>; Profa. Sandra Kariny <sandra@uerr.edu.br>.

1ª edição: e-book (PDF).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48u Oliveira, Rodrigo Leonardo Costa de.
O último Caimbé e outros cordéis científicos/Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira. – Boa Vista, RR: UERR Edições, 2021.

PDF (50 p.) : il.

ISBN: 978-65-89203-04-9

ISBN: 978-65-89203-03-2 (impresso)

ISBN: 978-65-89203-05-6 (ebook epub)

1. Botânica. 2. Literatura. 3. Cordel. 4. Roraima.
I. Universidade Estadual de Roraima.

CDD: 581.4

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Jeana Garcia Beltrão Macieira
(CRB 11/589)

1ª edição, 2021.



À Maria Vitória

*As histórias para crianças devem ser escritas com palavras muito simples...
Quem me dera saber escrever essas histórias...*

José Saramago.

"ABRIÇÃO"

Ariano Suassuna é um desses “cabras” difíceis de definir! Podemos assumir que foi um excepcional dramaturgo, romancista, ensaísta, poeta e cordelista. Foi entrevistado, em 2005, por Renato Rovai e Felipe Mazzon, para a revista Fórum. Nesse encontro emblemático, lhe foi perguntado o que poderia ser feito para que a cultura brasileira fosse mais bem trabalhada nas salas de aula, na educação formal. Toda bagagem de vida e riqueza de pensamento desse ilustre membro da Academia Brasileira de Letras não foi suficiente para que proferisse uma resposta “milagreira” à tal questão, que inquieta os educadores de nosso país. Ou, provavelmente, por tanta sabedoria, tenha respondido com toda serenidade que tal resposta não é algo simples de se obter:

“Olhe, não sou muito bom nisso, não. Esse é mais um assunto de educador e de sociólogo, sou um escritor. Por acaso me interesse por esse tipo de coisa, mas não sei exatamente o que se pode fazer. Mas uma coisa eu sei, se os meios de comunicação de massa dessem um pouco mais de audição para a nossa cultura isso ajudaria muito.”

Certamente, o presente material fornece essa audição a nossa cultura, reivindicada por Suassuna. Além de ser um material de valor artístico ímpar, que exalta a cultura do cordel, coloca essa potência a favor do ensino-aprendizagem de Ciência, unindo duas construções humanas cujo diálogo já é reconhecido como um poderoso aliado nos processos de ensino-aprendizagem: Arte e Ciência.

Ao aproximar o cordel da sala de aula e da divulgação científica, o autor nos oferece uma obra capaz de estimular o ensino contextualizado e interdisciplinar, que ancora a construção dos novos conhecimentos naqueles já existentes e traz uma linguagem familiar a parte da população. Infelizmente, a cultural do cordel não é tão disseminada como deveria em todo nosso país. Assim, por

outro lado, para aqueles que não a conhecem, a utilização do material é igualmente interessante, por propiciar a aproximação com essa valorosa vertente de nossa cultura popular. Em uma abordagem metalinguística, o primeiro cordel da obra, intitulado *Cordel para o Ensino e Popularização da Ciência* trata, justamente, sobre essas potencialidades do cordel. O presente material representa, ainda, uma sensível exaltação à Ciência em um momento no qual sofremos, especialmente em nosso país, com um forte movimento de negacionismo.

Segue-se encantadoras adaptações de textos científicos para a linguagem de Cordel, relacionadas à região amazônica e, em especial, à Roraima. Os textos abordam dos rios aos povos indígenas, passando pela biodiversidade, agricultura, pesquisa científica, saberes populares e muito mais. A linguagem fluída e ritmada aguça a curiosidade e nos convida a ampliação de conhecimentos, que de outra forma poderiam parecer bastante complexos, por meio de uma agradável leitura.

O *Lavrado em Cordel* aborda as características desse peculiar e rica savana, localizada “No encontro do Brasil - Venezuela, Guiana - Ao norte da Amazônia”, com riqueza de informações, sobre formação e ecologia do ecossistema, tipos de fisionomia vegetal (florestal e não-florestal), diversidade de espécies vegetais e animais, importância da conservação etc.

O *Caçari de Roraima* é um fruto amazônico, pertencente às mirtáceas e astutamente apresentado pelo autor como “consanguíneo da pitanga, primo da goiaba, parente do araçá e irmão da jabuticaba”. O cordel discute como seu nome popular varia em virtude da região e destaca a importância da nomenclatura científica. Aspectos detalhados de sua morfologia são abordados, além de polinização e dispersão. Variantes, aproveitamento econômico e pesquisas realizadas por INPA e EMBRAPA são lembradas.

Finalmente, o último cordel, que trata sobre *O Último*

Caimbé, nos faz refletir sobre a estreita união entre a natureza e os povos indígenas. Nesse lindo enredo, um jovem curumim se afasta do Lavrado, no qual vive com seu povo, e encara aventuras na mata desconhecida. Ele vivencia experiências incríveis, relacionando-se com a fauna e a flora exuberantes. O autor nos conduz como companheiros do curumim nessa jornada. O curioso jovem sente a dor pelo ambiente devastado, viaja de canoa e até se depara com a temida onça. No entanto, a experiência mais especial e transformadora vem do encontro com o impotente remanescente!

O presente material encanta e ensina ao nos aproximar da cultura de cordel e do conhecimento científico. É especialmente relevante para aqueles que querem se engajar na árdua, mas muito prazerosa e necessária, tarefa de mitigar a chamada Cegueira Botânica. Tal conceito se refere à falta de habilidade das pessoas para perceber as plantas no seu próprio ambiente, gerando incapacidade de reconhecer a importância das plantas para a biosfera e para os humanos, a incapacidade de apreciar a beleza e as características peculiares das plantas e visão equivocada das plantas como inferiores aos animais, podendo, por isso, serem desprezadas. No entanto, é impossível manter a condição de cegueira botânica após se envolver com o conteúdo dos lindos cordéis aqui apresentados.

O leitor terá uma leitura muito agradável e ampliará seus conhecimentos e percepção ambiental, especialmente em relação aos elementos vegetais!

Profª. Suzana Ursi.
Universidade de São Paulo.



Todo cordel tem um Marco
Caju vermelho-amarelo
Nossa árvore da vida
O alecrim caramelo
A copaíba dourada
Angelim gigante e belo.

SUMÁRIO

CORDEL PARA O ENSINO E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA.....	9
O LAVRADO EM CORDEL.....	16
O CAÇARI DE RORAIMA - MYRCIARIA DUBIA (KUNTH) McVAUGH.....	25
O ÚLTIMO CAIMBÉ.....	31
O AUTOR.....	50

CORDEL PARA O ENSINO E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA



Dessas muitas poesias
Que existem neste país
Conheci desde menino
A que me tenho aprendiz
Assim corria para ler
Agora venho escrever
Pois era o que eu sempre quis...

O cordel veio da Europa
Pelos colonizadores
Tem descendência dos Árabes
E também aboiadores
O verso chama cantiga
Cada rima dando liga
Veio assim os cantadores.

Aportando no Brasil
Ganhou força no Nordeste
Com Pirauá e Leandro
Dois Paraíba da peste
E o cordel se espalhou
Que todo mundo gostou
De Norte ao Sul e Sudeste.

O cordel veiculou
Pelas brenhas do Sertão
Em brejos, matas, entranhas
Todo canto do rincão
Onde não tinha cartilha
Se lia mourão ou sextilha
Tinha alfabetização.

Eram contos e histórias
Romances e alegrias
Violeiros e cantigas
Cantadores, poesias
Tudo bem cadenciado
E hoje é metrificado
Dizem as Academias.

E com todo esse conjunto
Nossa cultura formou
Chegou a todos os lares
E nossa história contou
Foi também noticiário
Mais verdade que em Diário
Que o Recife publicou.

Foi assim que sucedeu
A fama de Lampião
João Grilo e Pedro Cem
Travessuras de Cancão
Princesas e Testamentos
Cachorros, casamentos
Mysteriozo Pavão.

O Cordel ganhou espaço
Assim foi parar na Escola
Lecionou na sala-de-aula
Tirou pombo da cartola
E soletrando a lição
Acordou Educação
Mostrando que é bom de bola.

E muitos anos depois
Os professores levaram
Cordel pra Universidade
E assim valorizaram
Por isso faço excelência
Ao cordel e sua essência
E àqueles que inventaram.

Quando falamos de ensino
Temos a nova temática
Nesta vertente o Cordel
Vem desenhando a Didática
Vem buscando a relação
Mais contextualização
Resolvendo a problemática.

Para escrever um cordel
É preciso paciência
Tem muito que pesquisar
Pra conhecer abrangência
E juntar várias ideias
Desde lá das Odisseias
Até falar de Ciência.

Como um recurso didático
Já vem sendo utilizado
Porém muita precaução
Pra não ficar isolado
Então dentro da proposta
Teremos melhor resposta
Com o ensino articulado.

Vem espaço pra pergunta
Em relação dialógica
O aluno interagindo
Com sua própria pedagógica
Assim teoria e prática
Dinamizam a estática
Solução metodológica.

Uma ideia inovadora
Buscando compreensão
As métricas do Cordel
Aumentando a atração
O lúdico traz a arte
Com música em toda parte
Mais rima e ilustração.

Desta forma percebemos
A cultura se expressando
Com escrita e oralidade
Com aluno raciocinando
Vem o tema que interessa
Imaginação com pressa
Refletindo e criticando.

E assim nosso cordel
Escreve uma nova história
Educando cidadãos
Para ficar na memória
Formando pesquisadores
E também os professores
Marcando nossa vitória.

A ciência no cordel
Já garantiu seu lugar
Tem tese e dissertação
Que podem corroborar
A ciência leva à cura
Inspira literatura
E não podemos negar.

Não podemos esquecer
Do poder da informática
Pois juntando com cordel
Resolvemos matemática
Entendemos geografia
Conhecemos biologia
Soletramos a gramática.

Fazemos ponte com física
Reforçamos português
Observamos os insetos
Ensaíamos em inglês
A saúde orientar
E as plantas pra falar
Da química do francês.

E o Cordel vem crescendo
Para popularizar
Conhecimento científico
E assim valorizar
Faz o povo enriquecer
O Brasil desenvolver
E a todos divulgar.

Erudito e popular
Podemos então unir
E do simples ao metódico
Em um elo definir
Elaborando um cordel
Interpretando papel
Com Ciência construir.

O cálculo desenvolve
Num romance que contamos
E o caso se resolve
Num conto que caminhamos
Estimulamos leitura
Ratificamos cultura
E ensino recriamos.

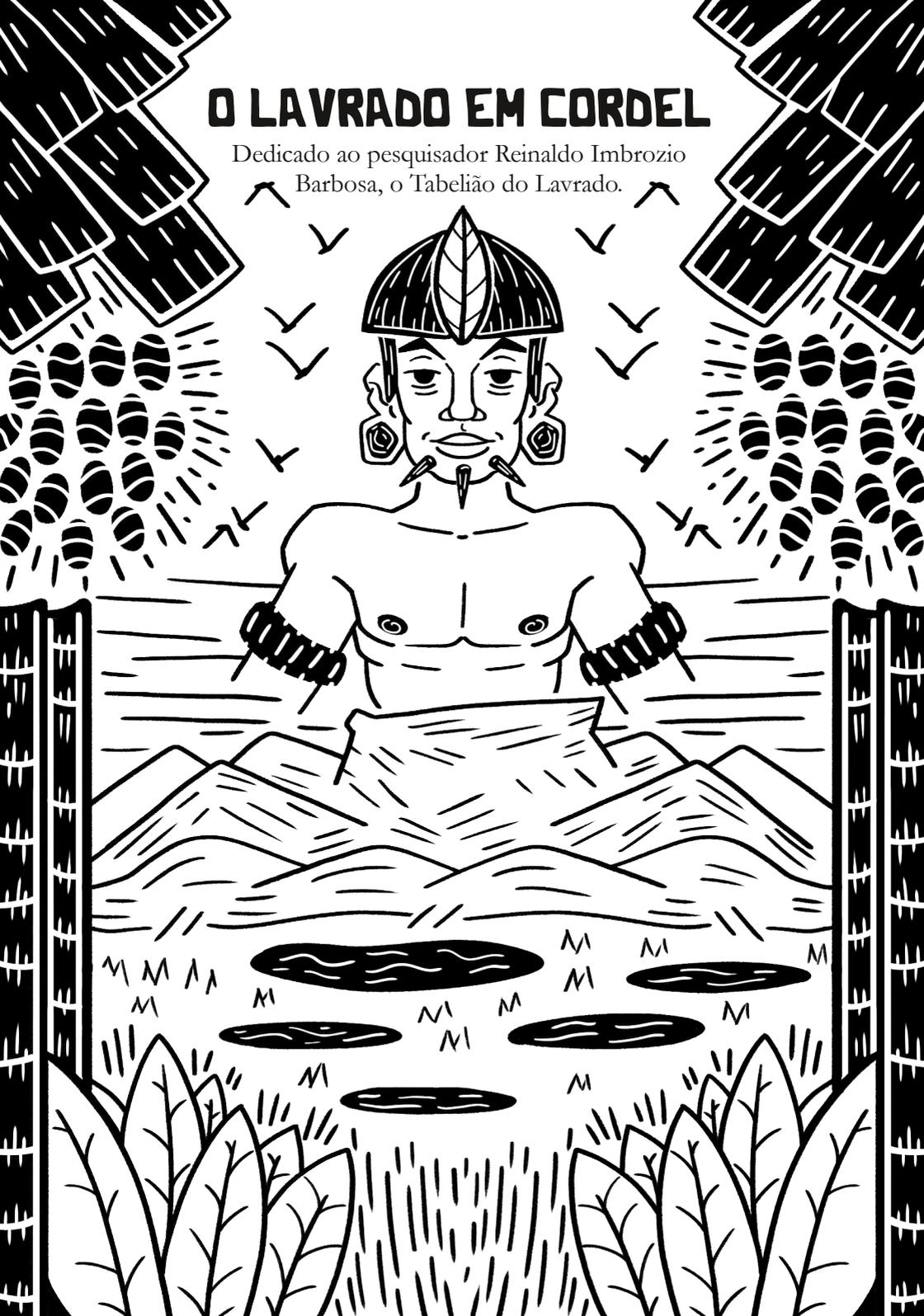
Recreação científica
Que levemos para os lares
E em cada sala-de-aula
Com cantigas escolares
Poesia itinerante
Ciência a todo instante
E tarefas populares.

... Um dia meu pai me mostrou
Logo achei interessante
Aquele história engraçada
E com rima a todo instante
Ele achava divertido
Com todo mundo entretido
Uma leitura vislumbrante.

Boa Vista do rio Branco – RR, 03 de novembro de 2013.

O LAVRADO EM CORDEL

Dedicado ao pesquisador Reinaldo Imbrozio
Barbosa, o Tabelião do Lavrado.



Peço aos caros leitores
Licença para contar
E clamo ao Makunaima
Por favor me inspirar
Os versos desse Cordel
Que trago neste papel
Que agora vou rimar.

A Amazônia é
Um centro de vida bela
E que traz na paisagem
Cada cor da aquarela
Tem fauna exuberante
Mais a flora vislumbrante
Todos numa só parcela.

E bem no extremo norte
D'Amazônia brasileira
Ao nordeste de Roraima
Numa terra de palmeiras
No começo do Brasil
Descansa entre os rios
A vegetação rasteira.

Par'o mundo és Savana
Ao Brasil és um Cerrado
Ao índio és a morada
E o suor do pesado
Aqui és ecossistema
Que na arte vira tema
E te chamamos Lavrado.

Essas savanas dos trópicos
São caracterizadas
Por vegetação aberta
Quase sempre graminadas
Às vezes estão presentes
As lenhosas diferentes
Em veredas arrançadas.

No encontro do Brasil
Venezuela, Guiana
Ao norte da Amazônia
Maior bloco de Savana
Onde a paisagem une
Rio Branco-Rupununi
A beleza não engana.

A paisagem atual
Está muito bem ligada
A eventos tectônicos
De uma era passada
Erosões, trocas climáticas
Que parecem tão estáticas
Deixaram assim formada.

A Formação Boa Vista
Sedimentou os espaços
No Graben do Tacutu
Causando embaraço
E vieram Criptógamas
Depois ervas fanerógamas
Ocupando todo paço.

Então as águas mudaram
Em relação a drenagem
O que ia ao Atlântico
Desviou sua viagem
E se fez o rio Branco
Quebrando qualquer barranco
Formando tal paisagem.

Com clima tropical úmido
Sem uma estação fria
Seca: dezembro a março
Com sol quente todo dia
Chuvas: maio a agosto
É assim o nosso posto
Umidade que varia.

Ligando lagos aos rios
Numa rede de drenagem
Estão as trilhas veredas
Que abraçam a paisagem
Mas se tornam sem rumores
De incêndios corredores
Nos anos de estiagem.

E a origem da flora
Fruto de interações
Edáficas e climáticas
Com outras flutuações
Resultou ecossistemas
Formando seus vários temas
Em muitas situações.

São rotas de dispersão
No sistema amazônico
Variadas trocas gênicas
Em um processo icônico
Mas diferentes ações
Quebram-se interações
E vivemos com o crônico.

Os impactos antrópicos
Vêm sem nenhuma clareza
E podem provocar perdas
Por toda a natureza
Estudos são muito raros
E depois pagamos caro
Por perder essa riqueza.

Mas já temos conclusões
E um grande resultado
São dois belos ambientes
Bem caracterizados
Aberto, não-florestal
Com árvores, florestal
São assim classificados.

Poucas pesquisas florísticas
É que foram realizadas
E as principais espécies
Foram pouco amostradas
Os sistemas florestais
Ainda têm por demais
Que nos serem reveladas.

Nos campos não-florestais
Dados são realidade
Temos as espécies-chaves
Com lenhosas de verdade
E que geram nutrientes
Pra espécies diferentes
Gera continuidade.

Sobre a fauna local
Há pouco conhecimento
Mas são diversos fatores
Que fazem entendimento
Que toda a região
Destina conservação
Abrigando elementos.

Aves são mais estudadas
Depois vem herpetofauna
São bastante conhecidas
Com a ictiofauna
Maracá tem inventários
Que nos trazem comentários
A outros tipos de fauna.

Invertebrados, mamíferos
São bem menos estudados
Mas aranhas e insetos
Estão bem documentados
Apesar dessas coletas
Devemos ter novas metas
Para todo o Estado.

Mais da metade das aves
Bem aqui elas residem
E não há na Amazônia
Uns outros que coincidem
Centro de preservação
Lugar de conservação
Onde as vidas progridem.

A biodiversidade
É tão pouco conhecida
Porém sem conservação
É também desprotegida
Rios, lagos, buritizais
E refúgios animais
Perecem sem ter medida.

Estes são considerados
Lugares prioritários
Mais a Savana-Floresta
Que tem poucos inventários
São faixas de transição
Requerem mais atenção
Pois são extraordinários.

O PARNA Monte Roraima
Possui papel importante
Proteger sistemas raros
Com mais um representante
Raposa/Serra do Sol
Também é mais um farol
De modo interessante.

Pois são as Terras Indígenas
De uma forma sadia
Que protegem as savanas
Com as suas etnias
De savanas florestadas
Com serras associadas
Até as microbacias.

Outras áreas do lavrado
Fazem o meio rural
Em Bonfim e Boa Vista
Compreendem o local
E de reforma agrária
Para imobiliária
É o que tem atual.

Mas pra nossa atenção
São três grandes regiões
Serras Tucano e Lua
Que abrigam transições
Floresta submontana
E também campinarana
Que reforçam as razões.

E a região dos Lagos
É mais fácil que a lógica
Por sua fauna e flora
E a questão hidrológica
Aos rios são pra drenagem
Pois mantém a paisagem
Zelando a ecológica.

E apesar dos avanços
Muitas lacunas estão
Abertas pra melhorar
Esta tal compreensão
E a curiosidade
Da biodiversidade
Que as savanas nos dão.

A desvalia dessas áreas
É um grande descompasso
Para toda Amazônia
E se traduz em fracasso
Confunde-se o processo
Resulta em retrocesso
Quando se tornar escasso.

Talvez você não aceite
Esses versos que vos fiz
Mas foi tudo baseado
No que a Ciência diz
É uma informação
Pra formar opinião
Pois sou sempre aprendiz.

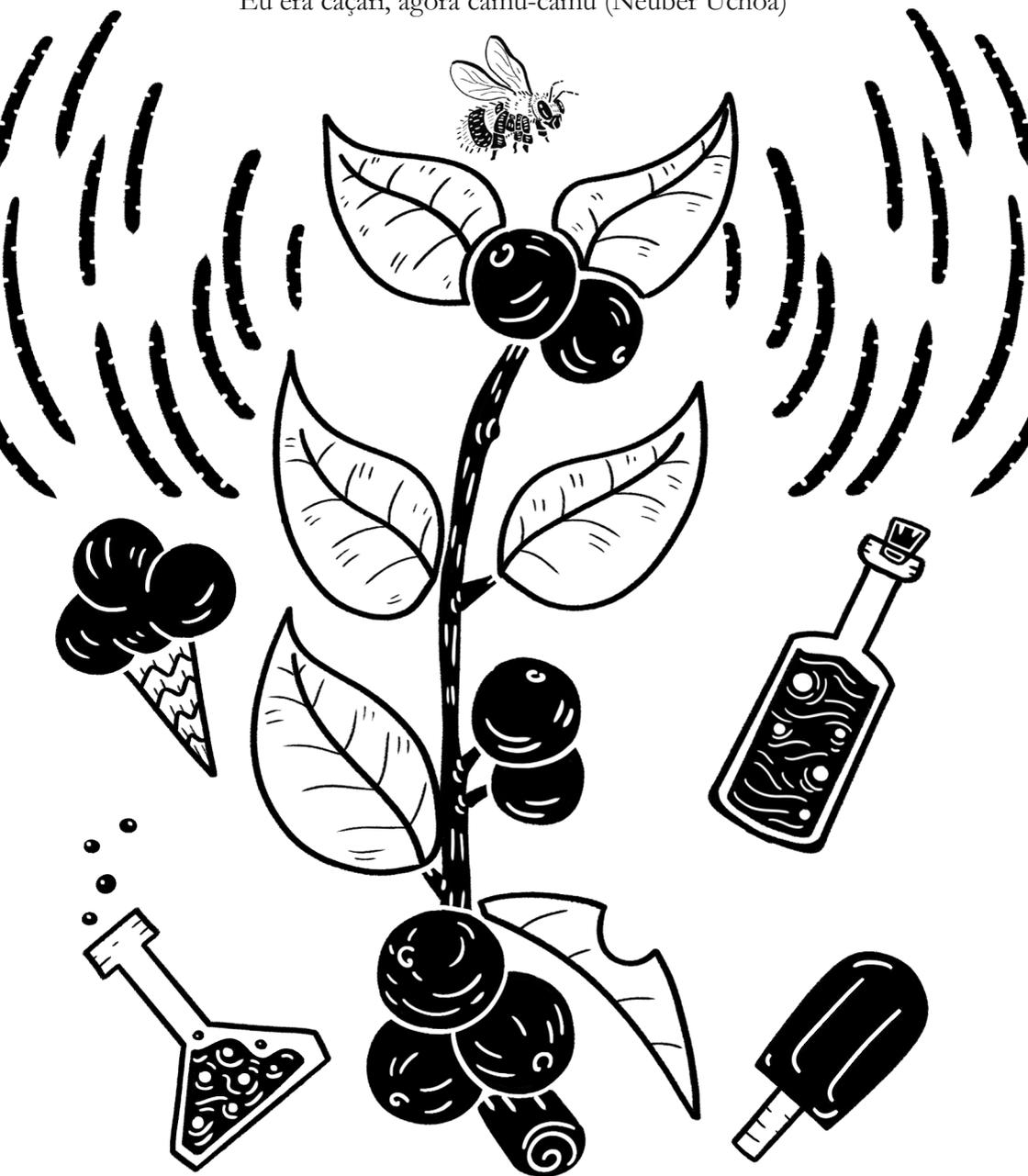
E encerro esta rima
Com certeza do recado
Pois deixo essa mensagem
Para os interessados
Que no chão de Makunaima
As savanas de Roraima
São chamadas de Lavrado.

(Baseado no artigo “The 'Lavrados' of Roraima: Biodiversity and conservation of Brazil’s Amazonian Savannas”, de Barbosa, R. I. et al., 2007).

Boa Vista, 11 de fevereiro de 2016.

O CAÇARI DE RORAIMA - MYRCIARIA DUBIA (KUNTH) MCVAUGH

Eu era caçari, agora camu-camu (Neuber Uchoa)



Caros amigos das plantas
Venho aqui apresentar
Uma fruta da Amazônia
De importância salutar
Presente em rios e lagos
Agora vou lhes contar.

É pertencente às Mirtáceas
Família que não se acaba
Consanguíneo da pitanga
Sendo primo da goiaba
É parente do araçá
Irmão da jabuticaba.

O camu-camu da Amazônia
Fruto nativo daqui
Uns chamam uva-de-boto
Uns gringos de amaçari
Araçá-d'água em Rondônia
Em Roraima é caçari.

E tem vários outros nomes
No Amazonas e Pará
Como araçá-de-igapó
Em Santarém, marajá
De sarão em Altamira
Azedinha em Marabá.

Seu nome científico
Nós queremos ressaltar
É por Myrciariadubia
Que devemos informar
Desta forma todo mundo
Já sabe identificar.

E quanto à Morfologia
Folhas de forma ovalada
São simples e opostas
Ou também lanceolada
Com ápice acuminado
E a base arredondada.

A raiz é tipo cônico
Com um eixo na principal
Chega a 50 centímetros
Pela longitudinal
Mais raízes secundárias
Que correm na horizontal.

Nossa planta é um arbusto
Com diversa formação
Do tipo taça ou coposo
Muita ramificação
É um caule resistente
Forte para produção.

Tem de três a oito metros
Podendo ramificar
É de dura consistência
Porém não dá pra quebrar
Uma vez frutificando
Já não se pode arriscar.

De flores hermafroditas
Formando a inflorescência
Com as pétalas de cor branca
Expressando a excelência
Abrem-se das cinco às sete
Da manhã com sua essência.

Entendemos as abelhas
Como os polinizadores
Entretanto, temos outros
Que são colaboradores
As moscas e os besouros
Que estão nos bastidores.

O fruto é arredondado
De pele lisa e brilhante
A cor é vermelha escura
Até negra purpurante
Com sementes achatadas
De um a quatro são constante.

E na sua arquitetura
Trazemos variações
De poucos a muitos ramos
Com muitas observações
Quanto mais ramos, mais frutos
Aumentando as produções.

Sua floração acontece
Por quase todo o ano
E a frutificação
Lhes indico sem engano
É de novembro até março
Não querendo causar dano.

Normalmente se propaga
Através de suas sementes
Estas devem ser obtidas
Pelas plantas resistentes
Sadias e produtivas
É sucesso certamente.

Nossa planta se apresenta
Com grande potencial
Da indústria farmacológica
E também nutricional
As substâncias que contém
Atuam no funcional.

Os frutos do camu-camu
Pra saúde são importantes
Contêm vitamina C
E também antioxidantes
Na indústria alimentícia
Valem como diamantes.

Mas, seu consumo é restrito
Pelo seu ácido sabor
E sua casca é adstringente
O que provoca amargor
É preciso melhorias
Pra ressaltar seu valor.

Na Amazônia Peruana
É bastante consumido
São tortas e sobremesas
Sendo muito conhecido
Licor, doce e camu-cola
Não podem ser esquecidos.

E na Embrapa Roraima
Trabalham com a produção
Muda, poda e embalagens
Com muita dedicação
Picolé de caçari
Fez sucesso de montão.

Os seus estudos nos trazem
Atuais conhecimentos
Desde a hora da colheita
Como o armazenamento
Embalagem e transporte
E beneficiamento.

Com três anos de plantio
Sua produção se inicia
A colheita manual
Na semana: 2 – 3 dias
Transporte à longa distância
Pouco verde é garantia.

Os frutos com casca e tudo
Deverão ser processados
São transformados em polpa
E mantidos congelados
Indo pra longas distâncias
Podem ser negociados.

E encerro esta verseja
Agradecendo o momento
Cito INPA e EMBRAPA
Por este conhecimento
Reconheço caçari
Por algum entendimento.

Boa Vista do Rio Branco – RR, Setembro de 2013.

O ÚLTIMO CAIMBÉ



Minha pena hoje traz
Poesia neste encarte
Conto a métrica nos dedos
Vejo rima em toda parte
E transcrevo num cordel
O que bem chamo de arte.

Quero contar nesses versos
Tal beleza que vos trago
História dum curumim
Que ocupou o tempo vago
Emocionou esta prosa
Me contou um velho mago.

E atrevo-me escrevê-los
Com teste de paciência
Pois não quero atropelar
Deste conto sua essência
Vos trarei o que ouvi
Como prova de decência.

Um dia eu saí bem cedo
Mas saí bem apressado
E no caminho encontrei
Um velho senhor sentado
Na calçada da pracinha
Lia muito concentrado.

Era um pequeno papel
Que me chamou atenção
Logo cedo da manhã
Ele tomava lição
Puxei o meu celular
Pra registrar tal ação.

Depois fui em direção
Ao lugar onde ele estava:
— Bom dia, e como vai?
Olhou-me e esbaforava
Voltou à sua leitura
E nem atenção me dava.

Fiquei um pouco sem graça
Mas perguntei-lhe o que lia?
E enfim me respondeu
— Eu sou José, um bom dia
E perguntei se era carta
De novo ele interagiu:

— Um pedaço de papel
Que achei bem aqui no chão
Tem letra muito miúda
E não consigo ler não
Parece jornal de missa
Com nome de São João.

E me mostrou tal papel
Pois bem de fato era um
Jornal da missa deixado
“Missa do tempo comum”
E ele então falou
Sobre ter valor algum.

A tal história da bíblia
Foi escrita há muitos anos
Assim até hoje a lemos
Sobre nós, seres humanos
Deixe me contar história
Que eu me guardo sem enganos.

E eu pensei que ele iria
Contar alguma memória
Mas para mim esta foi
Uma tão bonita história
Começou a me contar
Uma grande trajetória.

Então peço seu carinho
Aos meus versos sem idade
Pois sou de novo criança
Vivo pela novidade
E vos conto esta aventura
Sem ter nenhuma vaidade.

E nosso conto começa
Numa pequena maloca
Eu peço vossa atenção
Às palavras que lhe toca
Quebrando dificuldade
Como milho pra pipoca.

Nessa pequena maloca
De savanas bem lavradas
Vive curumim herói
Aventuras bem tramadas
É o tempo de criança
Brincadeiras bem trilhadas.

E todo dia ele sai
Pelos fundos do quintal
E de árvore em árvore
Voa como cardeal
Ou talvez umas curicas
Que será bem afinal?

Correndo em trilhas na mata
Seguindo igarapé
E vai sempre com sorriso
Sentindo seu chão no pé
Tá junto com outras crianças
Na sombra dum caripé.

Corre pela plantação
Imita todos passarinhos
Come beiju inda quente
Encontra novos caminhos
Traz mirixi para lenha
Bebe caldo bem quentinho.

E também treina arco-e-flecha
Pra poder ir na caçada
Das folhas de buriti
Pega pra nova morada
Aprende fazer paneiro
Pela tarde ensolarada.

Pula dentro da canoa
Logo vai descendo o rio
Ao sabor daquelas águas
Cantando num assobio
Um espelho d'água verde
Das matas com céu anil.

Prefere pegar os peixes
Na volta quando subindo
Vai descendo vendo rio
E o som que vai ouvindo
São araras ao redor
Que aos poucos vão sumindo.

Mas talvez por um descuido
Ou por pura distração
Nosso herói curumim
Perde sua direção
Então chega na fronteira
Do seu amado rincão.

Dessa forma se depara
Com duvidosa questão
Ir além daquelas terras
De sua população
Descobrir um mundo novo
E viver outra emoção?

Ou voltar subindo rio
Tendo suas pescarias
Voltar pra perto dos pais
Sem fazer estripulias
O preço da liberdade
É o que lhe desafia.

Mas antes de responder
A canoa não parou
E seguiu descendo rio
Foi assim que ele aceitou
Uma tão nova aventura
Que neste dia tratou.

E as matas ciliares
Foram ficando maiores
Árvores muito mais altas
Do que os seus arredores
Ele pulou da canoa
E seguiu sem por menores.

Neste momento lhe deu
A vontade de voltar
Pois ter ficado distante
Fez a saudade brotar
E responsabilidade
O fez se questionar.

Foi então cortou a mata
Procurando o seu lavrado
E por que ele bem sabia
Que estava bem muito errado
Sair da comunidade
Sem deixar nenhum recado.

Naquela localidade
As matas eram disformes
Muito distantes do rio
Caminhada desconforme
Não existiam caminhos
Por entre as relvas enormes.

Caminhou por meio dia
Em um silêncio medonho
Sem escutar qualquer pássaro
Nem sequer canto tristonho
Mas começou a chover
Parecendo até um sonho.

Após a chuva passar
Veio um cheiro de lenha
E cobrindo toda mata
Sitiando toda brenha
Porém firme o curumim
Andava sem ter resenha.

O cheiro de breu na mata
Perfumava tal local
Certamente animais
Passaram no carrascal
Pelas ervas espinhentas
Um fechado matagal.

E pouco tempo depois
Um urro de onça ele ouviu
Num instante ficou pálido
E sentiu um calafrio
Quando uma paca gritou
Sendo a presa que serviu.

Numa mistura de dúvida
E também felicidade
Nosso curumim seguia
Com tal curiosidade
Até ver que mais a frente
Se tinha uma claridade.

Daí as árvores deram
Uma tão esquisita trégua
Foi quando nosso herói
Viu por mais de cem léguas
A vegetação queimada
Até a baixa-da-égua.

E seguiu a caminhada
Por aquele chão cinzento
Sem nenhum sinal de bicho
De planta ou alimento
Sem uma flor para ver
E nenhum aldeamento.

E viu solo empobrecido
Sem ter o cheiro de vida
E no céu nenhuma nuvem
Uma terra desvalida
Nem mutuca nem mosquito
Lhe saudavam recebida.

Continuou seu caminho
Só vendo seu horizonte
Pois era uma vastidão
Até ver o grande monte
Sem água também sem sombra
E nem tampouco uma fonte.

Até que distante viu
Uma planta persistente
Chegou perto percebeu
O seu caule resistente
Era um grande caimbé
A grande remanescente.

E ele ouvira falar
Da força do caimbé
Também que ele foi extinto
Na morte de outro pajé
Que vivo o protegia
Dos estios da má fé.

O caimbé nasce fino
Parecendo com um cipó
Porém com o passar da seca
Pela base cria um nó
Vai passando pro seu tronco
Só a casca vira pó.

Percebeu que suas folhas
Estavam amareladas
E pensou que não durasse
A noite já esperada
Pois não amanheceria
Desta forma maltratada.

Então outro desafio
Lhe tomava por questão
Salvar este caimbé
Sem nenhuma condição
Pois o rio estava longe
Era algo sem razão.

Mas após grande suspiro
Curumim se fez herói
Não salvar o caimbé
Era algo que destroi
Pensou numa solução
Como muro que constroi.

Pois não importa a distância
Daquilo que desatina
O rio estava longe
Então era esta sina?
- Eu irei assim cumpri-la
Pois é o que me destina.

E o curumim correu
Cruzando campo queimado
Correu, correu e correu
Para chegar d'outro lado
E sentiu seus pés sangrarem
Mas não se fez derrotado.

E lá chegou num segundo
Catou base d'uma folha
De uma palmeira seca
Fez dela a sua escolha
Juntou água como balde
Vetou que a missão encolha.

Ele já voltou voando
Pra salvar o caimbé
Então correu o quanto pode
Como com asa no pé
Não parou nenhum segundo
Porque nele tinha fé.

Chegando no caimbé
Só poucas gotas restaram
Mas a planta reagiu
Com aquelas que molharam
E o curumim partiu
Em busca das que faltaram.

Por muitas e muitas vezes
Ele assim foi e voltou
E até que anoiteceu
Quando então ele parou
Caiu exausto, dormiu
E o escuro chegou.

Esta hora na maloca
Todos eles procuravam
Cadê nosso curumim?
Os índios se perguntavam
A escuridão seguia
Mas eles não encontravam.

Por diferentes caminhos
Os índios se dividiram
E nas casas mais distantes
Eles bem como seguiram
Cruzaram buritizais
Nas roças também não viram.

Foram em todos os cantos
Existentes na maloca
Passaram a madrugada
Olharam tudo que é toca
Em armadilhas no mato
Na roça de mandioca.

Nem sinal do curumim
E eles então partiram
Para além do território
Todos eles decidiram
E os homens da maloca
Com tochas nas mãos seguiram.

E a madrugada toda
Sucedeu como um segundo
E no caminho encontraram
Um buraco bem profundo
Desceram por uma corda
Mas ele não tinha fundo.

Pensaram em desistir
Dessa difícil missão
Mas o pai pensou na mãe
E não ousou rescisão
Seguiu em frente nos campos
E foram em união.

Encontraram um brejão
Coberto pela juquira
O índio mais velho disse:
Podia ser curupira
Mas logo seguiram em frente
A lua estava na mira.

Depois daquele lugar
Houve silêncio profundo
Não ouviram mais os pássaros
Nem o barulho do mundo
Só havia matagal
O breu de pano de fundo.

Eles então concluíram
Que era um lugar já sem vida
Onde os animais viveram
Mas seguiram em saída
E ficava cada vez
Mais de verde desprovida.

E alguns deles pensaram
Não se pode ir além
Faltaria água e comida
Isso não os faria bem
E pensaram em retornar
Mas ao líder não convém.

E o dia já raiava
Foi quando eles perceberam
Aqueles campos queimados
Onde eles nunca estiveram
Sem nenhum sinal de vida
Na terra que receberam.

Andaram algumas horas
E viram o caimbé
Todos partiram em busca
De sombra para o café
Mas quando enfim chegaram
Viram na base do pé.

O seu curumim dormia
Estando muito cansado
As folhas do caimbé
Lhe cobriam no solado
E eles compreenderam
O que tinha se passado.

A árvore reluzia
Já com uma nova folhagem
E a sombra protegia
O curumim na paisagem
E era uma recompensa
Em meio dessa estiagem.

O curumim foi levado
Pelos braços dos mais velhos
Então por todo o caminho
Por aqueles chãos vermelhos
Protegeram o herói
E lhes deram bons conselhos.

E já de volta à maloca
Foi recebido com festa
E os mais velhos dos índios
Pintaram a sua testa
Representando respeito
Que ele tinha da floresta.

E muito foi celebrado
Com danças e rituais
Dessa forma o curumim
Relembrou seus ancestrais
Já incluindo no meio
Das plantas e animais.

E mesmo dias depois
Já brincando com seus bichos
Os índios reconheciam
O seu enorme capricho
Com toda sua bravura
Em salvar aquele nicho.

O curumim era agora
Um adulto da aldeia
Que teve a sua passagem
Correndo na sua veia
E com toda aflição seguiu
Com seu pé firme na areia.

Para todas as pessoas
O curumim tinha ganho
Algo que era muito maior
Do que qualquer tamanho
Maior que todos os índios
Pois amor não é estranho.

E assim na assembleia
Ele foi reconhecido
Mesmo sem permissão
Ele foi absolvido
Seus olhos veem ao longe
Tal qual um velho sabido.

Após o tempo das chuvas
O curumim retornou
Em busca do caimbé
Pra ver o que resultou
E viu tantos outros filhos
Da árvore que salvou.

Daí deste caimbé
Os outros todos vieram
E cobriram as savanas
Que por anos estiveram
Resistindo tais queimadas
E assim se mantiveram.

Então naquele lugar
Os pássaros voltaram
Os caimbés deram frutos
E eles se alimentaram
Levaram suas sementes
E mais e mais se espalharam.

E para este curumim
Foi a primeira aventura
Vivida na sua terra
Como conta escritura
E que resiste às queimadas
Imortal para cultura.

Mas seu novo pensamento
Vai além da sua terra
Porque queimadas chegaram
Como cenário de guerra
A estiagem é forte
Mas a vida não encerra.

Este conto não está
Em nenhuma livraria
Nem também biblioteca
Que talvez ele devia
Mas o trouxe pra você
E assim você recria.

E o velho me olhou
E disse que concluiu
Perguntei do curumim
Timidamente sorriu
E pensei que seria ele
Mas logo me desmentiu.

O curumim dessa história
Não se chamava José
Mas que pelo homem branco
Foi chamado de Thomé
E ele era o meu pai
O mais antigo pajé.

Este conto do passado
Deve ficar bem guardado
Na ponta de sua língua
Para ser sempre lembrado
Pois numas poucas palavras
Vai ser sempre recontado.

E já com muita emoção
Agradei a história
Ele me olhando pediu
Que guardasse na memória
E que depois escrevesse
Contando esta trajetória.

Convidei-o pra um café
E ele logo aceitou
Mas depois queria andar
E nunca mais retornou
Então dez anos depois
Vos trago o que ele contou.

Eis que assim eu vos trouxe
Esse conto ancestral
Nesse cordel que criei
Onde o bem que vence o mal
Que se guarde na memória
O peso dessa moral.

Rebusquei estes meus versos
Ouvindo o conto que diz
Daquele sensato mago
Rabisquei usando giz
Inveja não me tem vez
Garanto tal honradez
Ou será que lhe refiz?

Boa Vista do Rio Branco, IX - 2017.

O nome caimbé significa ‘planta trepadeira’, relacionado ao seu crescimento assim que nasce a plantinha da semente.

Duas espécies são chamadas de caimbé, a *Curatella americana* L. da Família *Dilleniaceae*, em Roraima (tema deste cordel); e a espécie *Coussapoa asperifolia* Trécul da Família *Urticaceae*, em regiões de floresta da Amazônia.

Para os índios Macuxi, ela é chamada de *kuratikiye*, e para os Wapixana, *iminbary*.

É uma espécie de resistência à seca, característica dos Campos do rio Branco (Lavrados de Roraima).

Caimbé (Kaimbé) também é o nome de uma etnia indígena no Estado da Bahia.

O AUTOR

Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira nasceu em Vitória de Santo Antão, Pernambuco, em 1981. Desde a infância, teve contato com diversas manifestações culturais do Nordeste, dentre elas a Literatura de Cordel.

É Professor de Botânica do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Roraima, desde 2006. A partir de 2008 começou a escrever cordéis sobre lendas, mitos e belezas de Roraima. E desde 2011, desenvolve ferramentas para o ensino, popularização e divulgação da Ciência.

Ministra palestras e cursos sobre o Cordel em Escolas de Ensino Fundamental e Médio, e também em Cursos de graduação e pós-graduação de Instituições públicas e privadas. Já escreveu mais de 70 cordéis de diferentes temáticas e estilos. Foi homenageado pela quadrilha Zé Monteirão, junto com demais cordelistas, no Boa Vista Junina em 2012. Seus cordéis já foram tema de trabalhos de conclusão de curso de graduação e dissertação de Mestrado em Letras na UERR e na UFRR.

Contato do autor: rodrigo@uerr.edu.br



ISBN 978-65-89203-04-9



9 786589 203049 >



17ª SEMANA
NACIONAL DE
CIÊNCIA E
TECNOLOGIA

Inteligência Artificial: A Nova Fronteira da Ciência Brasileira

Nupecem



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÕES



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

UERJ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO



CNPq